

A economia do DF tem futuro

A opinião é do presidente da OK, que crê na capacidade de Brasília gerar emprego para todos

“A atividade econômica no Distrito Federal é plenamente viável com possibilidade de desenvolvimento em todos os setores, garantindo emprego permanente a toda mão-de-obra existente na Região Geoeconômica”. A opinião é de Luiz Estêvão de Oliveira Neto, presidente do Grupo OK e um dos mais expressivos dirigentes empresariais do Distrito Federal, ao manifestar sua certeza de que o seminário “Os Novos Rumos da Economia do Distrito Federal”, terça e quarta-feira próximas no Hotel Nacional, será a oportunidade para que muitas idéias surjam sobre como desenvolver economicamente Brasília.

É preciso lutar contra o mito de que a instalação de indústrias em Brasília é proibida. Nunca ouvi falar de qualquer empresário que tendo procurado o Governo local com essa finalidade, tenha sofrido alguma restrição. Pelo contrário, o GDF dotou a cidade de setores industriais com excelente infraestrutura de energia elétrica, água, pavimentação, transportes coletivos e comunicação, superior a qualquer outro município de mesmo porte, argumenta o empresário, 33 anos de idade, 16 de Brasília disse.

Um dos debatedores do seminário na terça-feira, quando discutirá com especialistas da área sobre “A problemática da Economia do Distrito Federal”, Luiz Estêvão lembra que a preocupação de gerar empregos fez parte do planejamento original de Brasília. Concebida apenas no Plano Piloto, hoje o Distrito Federal tem mais de setenta por cento de população residindo nas cidades-satélites” - afirma.

A concepção original de cidade administrativa, com o Governo respondendo pela ocupação profissional dos seus habitantes, seria correta se, também de acordo com o previsto, tivéssemos cerca de trezentos mil habitantes e apenas o Plano Piloto. Essa não é a realidade de hoje. Somos mais de 1.200.000, dos quais apenas vinte e cinco por cento moram no Plano Piloto. Numérica e economicamente as cidades-satélites, embora não previstas, são muito mais expressivas - diz Luiz Estêvão.

O Governo faz um trabalho muito importante, em sua opinião. “O nível de assistência médico-hospitalar, educação e escolaridade, transportes coletivos, pavimentação e habitação de qualquer cidade-satélite é muito superior à média dos grandes municípios brasileiros, mesmo tomando-as isoladamente. Apenas a capacidade do Governo gerar empregos está esgotada. O desafio é da iniciativa privada”.

Analisando os três setores da atividade econômica, o primário, o terciário e secundário - nesta ordem - constatamos que a agropecuária vem alcançando grande expressão em nossos cerrados. Empreendimentos pioneiros, com o suporte técnico da Secretaria da Agricultura, já demonstraram a viabilidade econômica até mesmo de culturas extensivas como o arroz, soja e trigo. O ciclo de chuvas é regular, há abundância de áreas mecanizáveis de baixo custo, em toda a região geoeconômica-bem como disponibilidade de crédito para irrigação e custeio de safras. É uma área que deverá ter grande expansão nos próximos anos - afirma.

No setor terciário, lembra Luiz Estêvão, o Distrito Federal configura-se como um dos melhores mercados para o comércio no País”. Afinal, concentra uma população de excelente poder de compra, certamente o maior do Brasil. Fartos recursos da União são injetados mensalmente na economia do DF sob forma de salários dos funcionários federais, no montante de Cr\$ 9 bilhões. Uma grande parte desta soma fantástica infelizmente ainda é consumida em outros centros, mas deveria ser totalmente despendida no comércio local. Há espaço para muitas empresas no Plano Piloto e Cidades-Satélites. Nestas últimas, em que pese a impressão contrária, o consumo é muito expressivo. Importante frisar que o metro quadrado de terreno comercial no Eixo Taguatinga Norte - Ceilândia, é mais caro do que muitos trechos na W/3 Sul. O posto de gasolina daquela região situa-se entre os 3 de maior galonagem em toda região geoeconômica”.

O Turismo conhecido como a indústria sem chaminés, “é importantíssimo”, “para Luiz Estêvão, por trazer recursos e gerar empregos em todos os níveis”. A cidade, por sua originalidade arquitetônica e concepção monumental, é grande atração, além do fa-

to de ser Capital do País. É preciso que se prenda o visitante pelo maior tempo possível, visto que a permanência é proporcional ao que será gasto. O Banco Central do Brasil, por exemplo, possui um dos maiores acervos de pintura Brasileira, superado apenas pelo Museu de Arte de São Paulo, e poderia ser aberto à visitação pública. O Palácio da Alvorada, atualmente desocupado, seria outra grande opção. O Itaquira, com a conclusão das obras de acesso, é um bom passeio. Essas alternativas ajudariam a resolver o problema do tempo de permanência do turista em Brasília, hoje inferior a um dia, sem que nossos hotéis, restaurantes e lojas usufruam qualquer faturamento. Tenho conhecimento de que o Diretor de Turismo procura viabilizar essas idéias” - afirma o presidente do Grupo OK.

Para Luiz Estêvão, a indústria da construção civil jamais voltará aos níveis de até cinco anos passados. “Nossa cidade foi construída em 20 anos e tal ritmo jamais será atingido aqui ou em qualquer outro lugar. Há demanda por habitação, que será naturalmente suprida pela iniciativa privada, principalmente se alguns Órgãos, que detêm grande quantidade de terrenos residenciais sem

qualquer finalidade, dispuserem-se a alienar esses ativos, permitindo mais velocidade na geração de empregos e negócios. A construção de um prédio no Plano Piloto de seis pavimentos envolve diretamente mais de quinhentos operários; gera trabalho para indústrias de esquadrias metálicas, esquadrias de madeira, transportadoras de areia, brita e compra de materiais no comércio local no montante aproximado de trezentos e cinquenta milhões de cruzeiros”.

Voltando ao “discutido tema da industrialização”, Luiz Estêvão repete desconhecer qualquer objeção à implantação de indústrias no DF. “Temos indústrias de componentes eletrônicos, produção e engarrafamento de bebidas, esquadrias metálicas, móveis de madeira, recauchutagem de pneus, usinas de asfalto, pré-moldados de cimento, frigoríficos, abatedouros

avícolas e cimento”.

— É bom lembrar que há indústrias de cimento potentes no Brasil. Temos duas no DF que, construídas dentro de rigorosos padrões, nunca causaram quaisquer danos à nossa população, pelo contrário, as famílias dos funcionários podem atestar os benefícios da sua existência. Precisamos afastar este mito contra a instalação de indústrias aqui. O próprio industrial pode constatar as excelentes condições de investimentos em Brasília. Não faltam mercado, infraestrutura e mão-de-obra. Regular o assunto, defendendo nossa qualidade de vida, o Governo saberá fazer com competência.

Finalizando, Luiz Estêvão faz questão de deixar patente sua certeza sobre a evolução econômica do DF. “O mesmo espírito empreendedor dos primeiros homens de negócios, que aqui chegaram, precisa continuar presente.



Givaldo Barbosa

Luiz Estêvão de Oliveira Neto